

Armando Malheiro da Silva
Maria Luiza Tucci Carneiro
Stefano Salmi
Coordenação

*R*epública,
Republicanismo
e Republicanos
Brasil • Portugal • Itália



• COIMBRA 2011

Ana Luiza Martins

REVISTAS ILUSTRADAS A SERVIÇO DA REPÚBLICA. IMAGEM, LITERATURA E TÉCNICA

Imprensa e República: um roteiro conjugado

A idéia de República, presente no ideário das elites letradas do Brasil desde a Colônia, encontrou na imprensa seu veículo preferencial, instrumento decisivo para sua propagação, ainda que em território de atraso cultural e fracas letras. Antes mesmo da tardia chegada dos prelos na América portuguesa, em 1808, tipografias clandestinas e impressos episódicos estiveram a serviço dos movimentos insurrecionais contra a Metrópole, divulgando as idéias liberais em curso. A República era uma delas.

Não foi diferente às vésperas da Independência. Antes mesmo das Cortes aprovarem o fim da censura, em 1821, editava-se na Bahia a gazeta *Idade D'Ouro no Brasil* (1811-1819), de Silva Serva e por volta de 1815, no Recife, Rodrigo Catanho importava uma tipografia, que seria de muita utilidade na Revolução Pernambucana, de 1817, de forte cunho republicano. Na qualidade de abrigo literário, mas também dotadas de laivos políticos, editaram-se nesta década, as duas revistas inaugurais do Brasil: na Bahia, *As Variedades ou Ensaios de Literatura* (1812); no Rio de Janeiro, *O Patriota, jornal literário, político e mercantil* (1813), trazendo no título termo proscrito na época, de cunho revolucionário, suscitando o sentimento nativista.

Liberada a censura, seguiu-se o jornalismo apaixonado das campanhas liberais, definidor de práticas e posturas que subsidiaram o processo de

Independência do Brasil. Através daquelas folhas, gazetas, pasquins e panfletos, de duração efêmera, delinear-se linhas editoriais como expressão de grupos políticos inflamados, registros do jornalismo polêmico e contestador da emergência da nação, muitos deles de cunho republicano. Das folhas políticas de nomes curiosos das vésperas da Independência — *Revérberos*, *Malaguetas*, *Macacos e Papagaios* — chegou-se àquelas imediatamente posteriores — as *Sentinelas* e *Auroras* onde se alternaram momentos de altivez, de fala solene, com outros de achincalhes verbais, termos chulos, “insultos impressos” decisivos no processo emancipador¹⁷⁹.

Esta linguagem textual engataria com aquela ilustrada quando, junto à palavra, coube à imagem reproduzir o cotidiano e criticá-lo até de forma perversa.

“Rindo se criticam os costumes”

A comunicação pelo humor e pela caricatura ganhou relevo no país avesso à propagação da palavra escrita. A válvula de escape do *humor* funcionou como antídoto contra a censura vigente, bem como o *desenho*, como expressão plausível de fácil e imediata comunicação.

Da oralidade divertida registrada na Colônia, chegou-se rapidamente à proliferação do desenho satírico do papel impresso da Regência, constituindo-se o traço caricaturado numa das linguagens de maior aceitação do Brasil. Isso ocorreu não por obra imediata da introdução dos prelos, em 1808, mas por arte dos tantos transplantes que pontuaram nosso ansioso e desesperado ajuste com o tempo cultural dos países ditos “adiantados”, sobretudo, quando ateliês e/ou oficinas litográficas, surgindo como um mercado, subsidiaram as ilustrações iniciais.

O recurso da ilustração periódica também vinha na esteira de um modismo — aquele dos jornais caricatos que faziam sucesso na Europa. Em particular na França, onde o talento do caricaturista Honoré Daumier (1808-1879) imprimia em desenho as contradições e ironias da Paris pós-revolução burguesa

¹⁷⁹ Ver LUSTOSA, Isabel - *Insultos impressos. A guerra dos jornalistas na Independência. 1821–1823*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

de 1830, num quadro de barateamento das ilustrações e multiplicação das folhas periódicas, espaços de liberdade e recreação.

Não seria diferente no Brasil, onde os modismos não tardavam a chegar. Desta vez, através de Manoel de Araújo Porto-Alegre (1806 -1879), talentoso pintor brasileiro que vivenciou a experiência em Paris, transplantando-a para o Rio de Janeiro. Há consenso em atribuir-lhe a veiculação da primeira caricatura no Brasil, impressa no *Jornal do Comércio* (1827), no ano de 1837. O tema? Uma cena de suborno, metáfora prenunciadora e recorrente até nossos dias da corrupção no país. Em 1844 lançou um dos primeiros jornais de caricatura do Brasil Independente, irônico e engraçado: *A Lanterna Mágica — Periódico Plástico-Filosófico*.

Não tardou que outros impressores, ilustradores e jornalistas de talento investissem no gênero, que se propagou por todo o Império como uma das formas de expressão mais festejadas do período, sobretudo pelos artistas estrangeiros, que sentiram no jovem país oportunidades para seus talentos. A começar pelo alemão Henrique Fleuiss, que aqui chegou em 1853, e como tipógrafo imperial produziu um dos raros periódicos de caricaturas favoráveis ao Monarca: *A Semana Ilustrada* (1860).

Data, porém, de 1854 a chegada do piemontês Angelo Agostini, opondo-se frontalmente à Monarquia. Passara a adolescência em Paris e politizado, talentoso, perspicaz, ousado, produziu o legado mais expressivo e formador de escola. De sua produção paulista registram-se *O Diabo Coxo* e *O Cabrião*, ambos de 1866, que tinham a Igreja como alvo sistemático. No Rio de Janeiro, estreou com *O Arlequim* (1867), atuou na *Vida Fluminense* (1868) e em 1876 iniciou sua vitoriosa *Revista Ilustrada*, em sociedade com Paul Théodore Robin, proprietário de qualificada oficina a vapor. Ali investiu todo seu talento e obstinação no combate ao regime, um dos libelos mais contundentes a favor da República, em pleno Império. Em 1874, o italiano Luigi Borgomainerio, diretor artístico do importante jornal humorístico italiano *Spirito Foletto*; em 1875, era a vez do português Rafael Bordalo Pinheiro, crítico mordaz e inspirado. Todos eles, mordazes contra o regime e propagandistas da República.

Valeram-se da pedra litográfica como suporte técnico e da crítica política como mensagem de comunicação. A litografia permitia a reprodução de custo baixo no território sem tradição de prelos, e a mensagem se infiltrava decisivamente em meio à sociedade reprimida pela Igreja, pelo Estado e pelo regime